

## 6.

**Referências bibliográficas**

ARENDRT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. *A Dignidade da Política: ensaios e conferências*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

\_\_\_\_\_. *A Vida do Espírito*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

\_\_\_\_\_. *Between Friends: the correspondence of Hannah Arendt and Mary McCarthy, 1949-1975*, ed. C. Brightman. Nova York: Harcourt Brace, 1995.

\_\_\_\_\_. *Correspondence with Karl Jaspers, 1926-1969*. Nova York: Harcourt Brace, 1992.

\_\_\_\_\_. *Crises da República*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

\_\_\_\_\_. *Eichmann em Jerusalém, um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

\_\_\_\_\_. *Homens em Tempos Sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. *Lectures in Kant's Political Philosophy*. Editado por Ronald Beiner. University of Chicago Press, 1982.

\_\_\_\_\_. *Love and Saint Augustine*. University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Men in Dark Times*. San Diego: Harvest Book, 1993.

\_\_\_\_\_. *O que é a política?* Fragmentos das obras póstumas compilados por Ursula Ludz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

\_\_\_\_\_. *On Revolution*. Nova York: Viking Press, 1965.

\_\_\_\_\_. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *Rahel Varnhagen: the life of a jewish woman*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1974.

\_\_\_\_\_. *Responsabilidade e Julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

- \_\_\_\_\_ *Responsibility and Judgement*. New York: Schocken Books, 2003.
- \_\_\_\_\_ *The Human Condition*. Chicago: The University of Chicago Press, 1965.
- \_\_\_\_\_ *The Jew as a Pariah: jewish identity and politics in the mordern age*. Nova York: Grove Press, 1978.
- \_\_\_\_\_ *On Violence*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1970.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- \_\_\_\_\_ *Poética*. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Os Pensadores).
- \_\_\_\_\_ *A Política*, São Paulo, Escala Educacional, 2006
- BENHABIB, S. "Hannah Arendt and the Redemptive Power of Narrative.", reimpresso em HINCHMAN, L.P. & HINCHMAN, S.K. (org) *Hannah Arendt: critical essays*. Albany: Suny Press, 1994.
- \_\_\_\_\_ *The Reluctant Modernism of Hannah Arendt*. Thovsand Oaks, California: Sage Publications, 1996.
- BENJAMIN, Walter, *A tarefa do tradutor*, Rio de Janeiro: Uerj, 1994.
- \_\_\_\_\_ *Magia e técnica, arte e política. Obras Escolhidas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- \_\_\_\_\_ *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana*, in: *Sobre arte técnica , literatura e política* Lisboa, Relógio D'água Editores, 1992
- \_\_\_\_\_ *Rua de Mão Única. Obras Escolhidas. Volume II*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.
- \_\_\_\_\_ *Charles Baueiaire: Um lírico no auge do capitalismo Obras Escolhidas. Volume II*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.
- \_\_\_\_\_ *Passagens*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009.
- BERNSTEIN, R. *The New Constelation*. Cambridge: MIT Press, 1992.
- BLIXEN, K. *Anedotas do destino*. São Paulo: Cosacnaify, 2006
- BRIAN, D.O. *Le Poème de Parménide, Etudes sur Parménide*, Paris, Vrin, 1987,
- CANOVAN, M. "The contradictions in Hannah Arendt's Political Thought", in *Political Theory*, 6(1), 1978.
- \_\_\_\_\_ *Hannah Arendt.: a reinterpretation of her political work*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- CICERO, *Da República*, São Paulo: Edipro, 1996
- DESCARTES, René, São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Os Pensadores).
- DINESSEN, Isak. *Seven Gothic Tales*. London: Penguin Books, 2002.
- DUARTE, André. *O Pensamento à Sombra da Ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- HEIDEGGER, Martin. "A origem da obra de arte. Lisboa: Edições 70, 1989.

- \_\_\_\_\_. *Ensaio e Conferências*, Petrópolis Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Identidade e Diferença*. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Os Pensadores).
- \_\_\_\_\_. *Introdução à metafísica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978
- \_\_\_\_\_. *Marcas do caminho*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Ser e tempo parte I*, Petrópolis, Vozes, 2002
- \_\_\_\_\_. *Ser e tempo parte II* Petrópolis, Vozes, 2004
- HOMERO. *Ilíada*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.
- \_\_\_\_\_. *Odisseia*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1956.
- JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- KANT, Immanuel. *A Paz Perpétua e Outros Opúsculos*. Lisboa: Edições 70, s/d.
- \_\_\_\_\_. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*, Lisboa, Editorial Presença, 1991
- \_\_\_\_\_. *Ensaio sobre literatura*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.
- \_\_\_\_\_. *L'anima e Le forme*, Milão, Sugar Editore, 1987.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Conversas*, São Paulo: Martins Fontes, 2004
- \_\_\_\_\_. *O olho e o espírito*, São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O visível e o invisível*, São Paulo: Perspectiva, 2005.
- MOMMSEN, Theodor, *História de Roma*, Rio de Janeiro, Delta, 1962
- MORAES, Eduardo Jardim e BIGNOTTO, Newton, orgs. *Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A duas vozes: Hannah Arendt e Octavio Paz*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MURICY, Katia. *Alegorias da Dialética. Imagem e pensamento em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- PAZ, Octavio. *O Arco e a Lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Os Filhos do Barro: do romantismo à vanguarda* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- \_\_\_\_\_. *O labirinto da Solidão*, São Paulo, Paz e Terra, 1992.
- PLATÃO. *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Fedro*. Lisboa: Edições 70, 1997.
- PLATO. *The Collected Dialogues*. New Jersey: Princeton University Press, 1999.
- PLUTARCO *Vidas paralelas*, Madri, Gredos, 2000

WAGNER, Eugência S. *Hannah Arendt e Karl Marx: o mundo do trabalho*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

YOUNG-BRUEHL, Elisabeth. *Por Amor ao Mundo: a vida e a obra de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

## 7.

**Anexo**

## Waldemar Gurian 1903-1954

Ele era um homem de muitos amigos e um amigo para todos eles, homens e mulheres, religiosos e leigos, pessoas de muitos países e de praticamente todos os tipos de vida. Amizade era o que o fazia sentir-se em casa nesse mundo e ele se sentia em casa onde quer que seus amigos estivessem, independente de país, língua ou origem social. Sabendo quão doente estava, fez sua última viagem à Europa porque, como disse, “quero dizer adeus a meus amigos antes de morrer.” Fez o mesmo quando retornou e ficou alguns dias em Nova Iorque, e o fez consciente e quase sistematicamente, sem qualquer traço de medo, auto-piedade ou sentimentalismo. Ele que, ao longo de sua vida nunca havia sido capaz de expressar seus sentimentos sem grande constrangimento, podia fazer isso de maneira impessoal, sem sentir e, portanto, sem causar constrangimento. A morte para ele devia ser muito familiar.

Ele era um homem extraordinário e extraordinariamente estranho. É grande a tentação de ilustrar esse julgamento insistindo no alcance e na profundidade de suas capacidades intelectuais - e de explicar o estranho sentimento que se tinha de que ele vinha de lugar nenhum - recitando os poucos dados que temos de sua vida pregressa. No entanto, tais tentativas estariam muito aquém do homem. Não a mente, mas a pessoa era extraordinária, e sua história pregressa não soaria estranha se ele não a tivesse tratado com a mesma indiferença reticente que demonstrava em relação a todos os fatos e circunstâncias de sua vida pessoal e profissional, como se estes, assim como todos os meros fatos, não fossem mais do que enfadonhos.

Não que ele jamais tenha tentado esconder alguma coisa. Sempre respondia prontamente a todas as perguntas que lhe eram dirigidas. Veio de uma família judia de São Petersburgo e, (o nome Gurian é a “russificação” do nome mais comum Lurie) uma vez que havia nascido no começo do século na Rússia

Czarista, o próprio lugar de seu nascimento indica que vinha de uma família assimilada e bem sucedida, pois apenas a tais judeus – em geral comerciantes e médicos - era permitido que se estabelecessem fora das áreas limitadas em uma das grandes cidades. Devia ter por volta de nove anos quando, poucos anos antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial, sua mãe levou-o e sua irmã para a Alemanha e para a Igreja Católica. Acredito que quando o encontrei pela primeira vez na Alemanha no início dos anos trinta, eu não tinha conhecimento de seu *background* russo ou de suas origens judaicas. Ele já era então conhecido como um escritor e editor alemão católico, aluno de Max Scheler, o filósofo, e de Carl Schmitt, o famoso professor de Direito Constitucional e Internacional que mais tarde se tornou nazista.

Não se pode dizer que os eventos de 1933 tenham provocado nele uma mudança no sentido de lançá-lo de volta às suas origens. O ponto não é que ele tenha se tornado consciente de sua descendência judaica, mas que, agora, pensava ser necessário falar sobre isso publicamente porque não se tratava mais de um fato da vida pessoal, havia se tornado um assunto político e era para ele, claro, uma questão de solidarizar-se com aqueles que eram perseguidos. Manteve essa solidariedade e um constante interesse pelo destino judaico até os primeiros anos do pós-guerra. Um relato extraordinário e breve da História do antissemitismo germânico publicado nos *Essays on anti-semitism* (Nova York, 1946) é testemunho dessa preocupação e, ao mesmo tempo, da rara facilidade com que podia tornar-se um “especialista” em qualquer assunto que despertasse seu interesse. No entanto, quando os anos de perseguição haviam terminado e o antissemitismo deixado de ser uma questão política central, seu interesse desvaneceu.

O mesmo não pode ser dito de suas origens russas que em geral desempenharam um papel diferente e verdadeiramente predominante em toda a sua vida. Não apenas ele parecia vagamente russo (seja lá o que isso queira dizer), como nunca perdeu a língua de sua primeira infância - embora a mudança completa e radical de seu entorno tenha feito com que passasse toda a sua vida adulta em um ambiente em que se falava alemão. Sendo sua esposa alemã, a língua falada em sua casa em Notre Dame permaneceu sendo o alemão. Tão forte era o apego a tudo o que fosse russo em seu gosto, imaginação e mentalidade que ele falava inglês e francês com um forte sotaque russo, e não alemão; embora tenham me dito que falava russo fluentemente, mas não como alguém cuja língua

materna fosse essa. Nenhuma poesia e literatura – com a exceção, talvez, de Rilke em seus últimos anos – podia igualar-se a seu amor pelos escritores russos e familiaridade com eles. (Na pequena mas significativa seção russa de sua biblioteca havia ainda uma cópia surrada de Guerra e Paz em edição infantil, ilustrada à maneira do começo do século, com páginas soltas, à qual retornou ao longo de sua vida e que na noite de sua morte foi encontrada em sua mesa de cabeceira). E na companhia de russos, mesmo que fossem desconhecidos, ficava mais à vontade do que em outros meios, como se àqueles pertencesse e com eles estivesse em casa. Seus vastos interesses políticos e intelectuais aparentemente o levavam a todas as direções. Eram, na verdade, centrados em torno da Rússia: sua história intelectual e política; seu impacto no mundo ocidental; sua herança espiritual incomum; suas paixões religiosas como são expressas de início no estranho sectarismo de seu povo e mais tarde em sua grande literatura. Tornou-se um destacado especialista em bolchevismo, porque nada o atraía e preocupava mais profundamente do que o espírito russo em todas as suas ramificações.

Não sei se o triplo rompimento ocorrido no início de sua vida, o rompimento da família, o rompimento com sua terra natal e língua materna e a completa mudança de ambiente social que a conversão à fé católica implicou (para conflitos religiosos ele não apenas era muito novo como é pouco provável que tivesse tido qualquer educação religiosa antes de sua conversão), causou alguma ferida profunda em sua personalidade e estou certa de que tais rompimentos são extremamente inadequados para explicar sua estranheza. Mas, das poucas coisas que mencionei, deve ficar claro que, se tais feridas existiram, ele as curou através da fidelidade, simplesmente sendo leal ao essencial de suas primeiras memórias. De qualquer modo, fidelidade a seus amigos, a todos aqueles que conheceu, a tudo de que sempre gostara, tornou-se de tal maneira a nota dominante que dava o tom de sua vida, que fica-se tentado a dizer que o crime que lhe era mais alheio era o crime do esquecimento, talvez um dos crimes capitais nos relacionamentos humanos. Sua memória tinha uma qualidade assombrosa e assombrada, como se nunca permitisse que nada nem ninguém lhe escapasse. Era muito mais do que a capacidade necessária para a pesquisa e a erudição, em que se tornava um de seus principais instrumentos para conquistas objetivas. Sua erudição, pelo contrário, era apenas mais uma forma da sua enorme capacidade para a lealdade. Essa lealdade fez com que seguisse os escritos de todo autor que

houvesse alguma vez despertado seu interesse e lhe dado algum deleite, mesmo que nunca o tivesse encontrado, assim como o compeliu a prestar ajuda de maneira incondicional não apenas a seus amigos quando precisavam, mas aos filhos deles depois que morriam, mesmo que nunca os houvesse visto ou jamais desejado vê-los. Ao envelhecer, era natural que o número de amigos mortos aumentasse e embora eu nunca o tenha visto violentamente abatido pelo luto, dava-me conta do cuidado quase calculado com que continuava mencionando seus nomes como se temesse que, por alguma falha sua, eles desaparecessem por completo da companhia dos vivos.

Tudo isso tornava-se real e notório o bastante quando alguém vinha a conhecê-lo, mas não dá a noção da estranha esquisitice do homem enorme, com uma cabeça ainda maior, das vastas bochechas divididas por um nariz surpreendentemente pequeno e levemente arrebitado, o único traço de humor em seu rosto, pois seus olhos eram bem sombrios, apesar de sua limpidez e do sorriso que, de repente, fazia desaparecer a carne das bochechas e do queixo - era mesmo o sorriso de um menino cujo deleite inesperadamente contém humor, talvez uma das características mais adultas. Que ele era um homem estranho todo mundo deve ter notado imediatamente, mesmo aqueles que o conheceram apenas nos últimos anos, quando a estranheza e o embaraço – não a timidez e nunca, com certeza, qualquer senso de inferioridade, mas um movimento instintivo, tanto da alma quanto do corpo, de recolhimento do mundo – haviam então dado lugar, por assim dizer, ao ônus de uma posição oficial e do reconhecimento público. Aquilo que surpreendia como estranho num primeiro olhar era, penso, o fato de ser ele um completo estranho no mundo das coisas que usamos e manuseamos constantemente, entre as quais nos movemos sem notá-las, de maneira que dificilmente nos damos conta de que toda vida, em cada um de seus movimentos, está implantada nas coisas sem movimento e sem vida e por elas rodeada, guiada e condicionada. Se pararmos para pensar nisso talvez nos demos conta de uma discrepância entre os corpos vivos e animados e os objetos imóveis, uma discrepância que é constantemente ultrapassada pelo usar, manusear e dominar o mundo da matéria inanimada. Mas aqui essa discrepância havia se ampliado em algo como um conflito aberto entre a humanidade do homem e a coisalidade das coisas, e a esquisitice dele tinha uma qualidade humana tão tocante e convincente porque mostrava todas as coisas como mera matéria, como objetos no sentido

mais literal do mundo, a saber, *ob-jecta*, lançados contra o homem e por isso objetáveis, confrontando sua humanidade. Era como se uma batalha estivesse constantemente acontecendo entre esse homem cuja própria humanidade não daria permissão à existência das coisas, que recusava reconhecer a si mesmo como seu potencial fabricante e comandante habitual, e os próprios objetos, uma batalha em que, curiosa e, na realidade, inexplicavelmente, ele nunca obteve vitória ou foi esmagado pela derrota. As coisas sobreviviam bem melhor do que se ousaria esperar; e ele jamais chegou ao ponto de uma simples catástrofe. E esse conflito, estranho e comovente por si só, tornou-se ainda mais típico uma vez que seu enorme corpo era como a “coisa” primeira, quase-primordial em que a objetável qualidade-*res* do mundo havia pela primeira vez encarnado.

Nós, modernos, para quem a habilidade de manipular coisas e de movermo-nos em um mundo guiado pelos objetos tornou-se uma parte tão importante de nosso modo de vida, ficamos logo tentados a compreender de maneira errada a falta de jeito e a timidez como fenômenos semi-psicopatológicos – especialmente se eles não puderem ser relacionados a sentimentos de inferioridade, que supomos serem “normais”. No entanto, tempos pré-modernos devem ter conhecido certas combinações de traços humanos que nos chocam por sua estranheza por pertencerem a um tipo talvez não comum, mas ainda assim familiar. Os vários contos medievais, sérios e humorísticos, sobre homens muito gordos e o fato de que a glotonaria era incluída entre um dos pecados capitais (o que, para nós, é um pouco difícil de entender) é um testemunho disso. Pois a alternativa óbvia a fazer, usar, manipular e dominar as coisas é a tentativa de livrar-se dos obstáculos devorando-os – e ele era um perfeito exemplo dessa solução quase medieval em pleno mundo moderno. (Chesterton, ao que parece também o era. Suspeito que muito do seu ótimo *insight*, não tanto em relação à filosofia, mas à pessoa de São Tomás provinha da completa solidariedade entre um homem muito desajeitado e muito gordo e outro.). Nesse caso também, por ser genuína, tal tentativa começou com comer e beber, atividades para as quais, contanto que estivesse com a saúde boa, tinha uma capacidade gargantuélica e das quais extraía um tipo de deleite triunfante. No entanto, sua capacidade para o alimento da mente era ainda maior, e sua curiosidade incitada por uma memória de dimensões igualmente gargantuélicas, tinha a mesma qualidade insaciável, devoradora. Ele era como uma biblioteca ambulante e isso mantinha uma íntima

conexão com o volume de seu corpo. A vagarosidade e a falta de jeito de seus movimentos corporais correspondiam à rapidez em absorver, digerir, comunicar e reter informação - como nunca vi em nenhuma outra pessoa. Sua curiosidade era como seu apetite, nem um pouco parecida com a em geral inanimada curiosidade do erudito e especialista, mas despertada por quase tudo o que importava no mundo estritamente humano, na política e na literatura, na filosofia e na teologia, assim também como pela mera fofoca, pela trivialidade da anedota, e pelos inúmeros jornais que se sentia compelido a ler todos os dias. Devorar e assimilar mentalmente tudo que esteja relacionado aos assuntos humanos e, ao mesmo tempo, deixar de fora, com uma indiferença sublime, tudo o que esteja no reino do físico – sejam os temas das ciências naturais ou o “conhecimento” de como fincar um prego num muro – esse parecia ser o seu tipo de vingança contra o fato humano comum que demanda que uma alma viva em um corpo, e que um corpo vivo mova-se num ambiente de coisas “mortas”.

É essa atitude em relação ao mundo que fazia dele tão humano e, às vezes, tão vulnerável. Se dizemos que alguém é humano, em geral, pensamos em uma bondade ou gentileza especiais, em fácil acessibilidade ou algo assim. Pela mesma razão que já mencionei, porque estamos tão acostumados com um mundo de coisas feitas pelos homens e nele nos movemos tão à vontade, ficamos inclinados a identificarmo-nos com aquilo que fabricamos e fazemos, e frequentemente esquecemos que a maior prerrogativa de cada homem é ser ele essencialmente e, para sempre, mais do que qualquer coisa que possa produzir ou alcançar, não apenas para continuar sendo, depois de cada trabalho e conquista, a fonte ainda não exaurida, completamente inexaurível de futuras conquistas, mas também para estar em sua própria essência além de todas elas, intocado e não limitado por elas. Sabemos como as pessoas diariamente e de bom grado abandonam essa prerrogativa e identificam-se completamente com aquilo que fazem, orgulhosas de sua inteligência ou trabalho genial; e é verdade que resultados memoráveis podem provir de tal identificação. Ainda assim, por mais impressionantes que possam ser tais resultados, essa atitude invariavelmente põe a perder a qualidade especificamente humana da grandeza, de ser maior do que qualquer coisa fabricada. A verdadeira grandeza, mesmo em obras de arte, onde a luta entre a grandeza do gênio e a ainda maior grandeza do homem é mais aguda, aparece apenas onde pressentimos por trás do produto tangível e compreensível o

ser que permanece maior e mais misterioso, porque a própria obra aponta para uma pessoa por trás dela, cuja essência não pode ser exaurida ou completamente revelada por qualquer coisa que ela tenha o poder de fabricar.

Essa qualidade especificamente humana da grandeza - o próprio nível, intensidade, profundidade, a paixão pela existência mesma - era conhecida dele num grau extraordinário. Porque ele mesmo possuía essa grandeza como a coisa mais natural do mundo, era um especialista em detectá-la em outros, independente de qualquer posição ou conquista. Nunca falhou nisso, e permaneceu sendo esse o seu critério elementar de julgamento a favor do qual descartava não apenas os parâmetros mais superficiais para o sucesso mundano, como também os legítimos padrões objetivos, que, por outro lado, conhecia com perfeição. Dizer de um homem que ele tinha uma sensibilidade inequívoca para a qualidade e para a relevância soa como nada, como uma frase elogiosa convencional. E, ainda assim, em casos não tão freqüentes em que homens tiveram tal sensibilidade e escolheram não trocá-la por valores de mais fácil reconhecimento e aceitação, isso infalivelmente os levou além – muito além das convenções e dos padrões estabelecidos pela sociedade – e os conduziu diretamente para os perigos de uma vida não mais protegida pelos muros de objetos e pelos suportes de avaliações objetivas. Significa ser amigo de pessoas que à primeira, e mesmo à segunda vista, não têm nada em comum, constantemente descobrir pessoas que apenas a má sorte ou algum estranho truque do talento tenha impedido que desabrochassem completamente, significa descartar sistematicamente, embora não necessariamente de forma consciente, todos os padrões de respeitabilidade, mesmo os mais respeitáveis. O que invariavelmente leva a um tipo de vida que irá ofender muitos, que estará vulnerável a muitas objeções, exposta a freqüentes mal-entendidos; sempre haverá conflitos com quem estiver no poder, e isso sem proposital intenção do ofensor e sem qualquer má intenção do ofendido, mas, simplesmente, porque o poder deve ser exercido de acordo com padrões objetivos.

O que o salvava de envolver-se em problemas não era apenas, e talvez nem mesmo principalmente, sua enorme capacidade intelectual e a importância de suas conquistas. Era mais aquela inocência curiosamente pueril, às vezes um pouco maliciosa, que era tão inesperada nessa pessoa complicada e difícil, e que brilhava com uma pureza convincente toda vez que seu sorriso, paradoxalmente, iluminava uma melancólica paisagem facial. O que finalmente convencia mesmo aqueles

que por uma explosão de temperamento havia antagonizado era o fato de nunca haver realmente pretendido fazer mal algum. Para ele a provocação – ser provocado não menos do que provocar – era essencialmente um meio de trazer ao aberto os conflitos reais e relevantes que tão cuidadosamente sufocamos na sociedade polida, e encobrimos em civilidades sem sentido com a falsa intenção de “não ferir os sentimentos de ninguém”. Ele se deliciava quando podia fazer ruírem as barreiras da suposta sociedade civilizada porque via nelas barreiras entre as almas humanas. Na fonte de seu deleite estavam a inocência e a coragem – inocência ainda mais cativante uma vez que ocorria em um homem tão bem versado nos modos do mundo e que, portanto, precisava de toda a coragem que pudesse reunir para manter viva e intacta sua inocência original. Era um homem muito corajoso.

A coragem era vista pelos antigos como a virtude política *par excellence*. A coragem, entendida no sentido completo de seus muitos significados, provavelmente levou-o para a política, o que poderia parecer desconcertante em um homem cuja paixão original era, sem dúvida, por idéias, e cuja mais profunda preocupação eram, claramente, os conflitos do coração humano. Para ele, a política era um campo de batalha não de corpos, mas de almas e idéias, o único lugar em que as idéias podiam ganhar forma e contorno, até que lutassem umas com as outras, e nessa luta emergissem como a verdadeira realidade da condição humana e como as mais íntimas governantes do coração humano. Nesse sentido, política, para ele, era um tipo de realização da filosofia, ou para colocá-lo de maneira mais correta, era o reino em que a mera carne da condição material para o convívio dos homens é consumida pela paixão das idéias. Seu senso político, portanto, tornou-se, essencialmente, um senso para o dramático na história, na política, em todos os contatos entre homem e homem, alma e alma, idéia e idéia. E assim como em seu trabalho acadêmico buscava os pontos altos do drama, em que todas as proteções são dissipadas e as idéias e os homens se chocam numa espécie de nudez imaterial (i.e., sob condições de ausência dessas circunstâncias materiais sem as quais, em geral não conseguimos suportar a luz do espírito mais do que suportamos a luz do sol em um céu sem nuvens), também, às vezes, parecia na relação com seus amigos ser quase que possuído por uma urgência em encontrar as potencialidades para o drama, as oportunidades para uma grande e

flamejante batalha de idéias, para uma gigantesca luta de almas em que tudo viesse à luz.

Não fazia isso com frequência. O que o impedia de fazê-lo nunca foi a falta de coragem, coragem que tinha demais e não de menos, mas um senso de consideração altamente desenvolvido que era muito mais do que boa-educação e que se combinava com a antiga timidez que ele nunca perdeu completamente. Aquilo que mais temia era o constrangimento, uma situação em que constrangesse alguém ou fosse constrangido por outros. A situação constrangedora cuja total profundidade provavelmente só foi explorada por Dostoievski é, em certo sentido, o lado reverso daquela triunfante batalha flamejante de almas e idéias em que o espírito humano pode, algumas vezes, libertar a si mesmo de todas as condições e de todos os condicionantes. Enquanto na batalha de idéias, na nudez do confronto, os homens pairam livremente sobre o que os condiciona e protege num êxtase de soberania, não defendendo mas confirmando absolutamente sem defesas quem são, a situação constrangedora os expõe e aponta para eles no momento em que estão menos prontos para mostrar a si mesmos, em que as coisas e as circunstâncias inesperadamente conspiram para privar a alma de suas defesas naturais. O problema é que a situação constrangedora arrasta para os holofotes o mesmo *self* indefeso que os homens só suportam mostrar livremente no supremo esforço da coragem. O constrangimento desempenhou um importante papel em sua vida (ele não apenas o temia como sentia-se atraído por ele) por repetir no nível das relações humanas, aquele nível que ele sempre e em todos os sentidos estava pronto a reconhecer, a alienação do homem do mundo das coisas. Assim como as coisas eram, para ele, objetos mortos, hostis à existência viva do homem a ponto de fazer dele sua vítima indefesa, também na situação constrangedora os homens são vítimas das circunstâncias. Isso por si só é humilhante, e pouco importa se o que é arrastado para a luz é vergonhoso ou honrável. A grandeza do gênio de Dostoievski resumiu em uma única situação esses diferentes aspectos do embaraço: quando o príncipe na famosa cena da festa em *O idiota* quebra o precioso vaso ele é exposto em sua falta de jeito, em sua inabilidade em caber no mundo das coisas fabricadas pelo homem; ao mesmo tempo essa exposição mostra da maneira mais conclusiva sua “bondade”, que ele é ”bom demais” para esse mundo. A humilhação encontra-se no fato de ser ele exposto como alguém

que é bom sem que possa evitar ser bom, assim como não pode evitar ser desastrado.

A humilhação é o extremo do constrangimento. Combinada e, de fato, intimamente conectada a seu impulso de desafiar convenções e àqueles no poder, estava uma verdadeira paixão pelos despossuídos, pelos deserdados e oprimidos, por aqueles cuja vida ou os homens tivessem tratado mal, e com os quais houvessem lidado de forma injusta. Ele que, em geral, se sentia atraído pela inteligência e pela criatividade espiritual, em tais casos esquecia todos os seus outros parâmetros, e mesmo seu grande medo do tédio não impedia que saísse de seu caminho para encontrar tais pessoas. Sempre se tornava amigo delas, seguindo os eventos mais recentes de suas vidas com uma intensidade que era tão distante da indiscrição quanto da mera compaixão. Não eram tanto as pessoas, mas a história que o fascinava, o próprio drama, como se ao escutar algum novo fragmento de informação dissesse repetidas vezes e sem fôlego para si mesmo: assim é a vida, assim é a vida. Tinha um profundo e genuíno respeito por aqueles a quem a vida havia escolhido para que escrevessem sua própria história - que tem, então, não apenas o seu final triste normal, mas que é como uma seqüência de finais ruins - e nunca demonstrou qualquer piedade por tais pessoas, como se não ousasse ter pena delas. A única coisa que fazia (além de ajudar, claro, quando podia) era trazê-las propositadamente para a sociedade, para o contato com seus outros amigos, com o intuito de desfazer, tanto quanto estivesse sob seu poder, o insulto da humilhação que a sociedade invariavelmente adiciona à injúria do infortúnio. A dramática realidade da vida e do mundo como ele a via não poderia nunca ser completa, não poderia nem mesmo começar a se desdobrar, fora da companhia dos despossuídos e dos deserdados.

Esse *insight* em relação à verdadeira qualidade da humilhação, e essa paixão pelos oprimidos nos são tão familiares através dos grandes escritores russos que dificilmente deixamos de notar quão russo ele era no seu modo de ser cristão. Ainda assim, nele, esse sentimento russo em relação ao que a essência da vida humana é estava intimamente mesclado com sua forte noção ocidental de realidade. E era precisamente nesse sentido que ele era um cristão e um católico. Seu realismo sem concessões que formava talvez o traço excepcional de suas contribuições para a história e para a ciência política, era, para ele, o resultado natural dos ensinamentos cristãos e da formação católica. (Tinha um profundo

desprezo por todos os tipos de perfeccionistas e nunca se cansava de denunciar neles a falta de coragem para encarar a realidade). Sabia muito bem que estava em débito com eles por ser capaz de permanecer sendo o que era, um estranho no mundo, nunca inteiramente em casa nele, e ao mesmo tempo um realista. Teria sido fácil para ele conformar-se, pois conhecia muito bem o mundo, teria sido mais fácil para ele, uma tentação ainda maior em todas as probabilidades, escapar para alguma utopia. Toda a sua existência espiritual era construída sobre a decisão de nunca conformar-se e de nunca escapar, o que é apenas uma outra maneira de dizer que era construída sobre a coragem. Ele permaneceu um estranho e toda vez que chegava era como se viesse de lugar nenhum. Mas quando morreu seus amigos prantearam-no como se um membro de suas famílias tivesse partido, deixando-os para trás. Ele havia atingido aquilo que todos nós deveríamos: estabelecera seu lar nesse mundo e fizera-se em casa na terra através da amizade.